

OS ARGUMENTOS

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

Política de realidades **A' MARGEM**

O exemplo de acção construtiva fornecido pela Ordem Nova à consciência nacional vai, gradualmente, dissipando a indiferença e derruindo a apatia que, merçê de uma política de negligência e de obstrucionismo, se estavam a infiltrar no carácter português.

Tam profunda tinha sido a influência diluente da melopeia das concepções liberais no nosso poder de realização, que a ressonância da palavra substituiu o conceito vitalizador e a miragem sobrepôs-se à realidade.

Era a feira dos mitos.

A tarefa gigantesca de reconstrução encetada pelo Estado Novo e patente em todos os recantos do país criou um clima mental que afere o valor das ideias pela sua adaptação à realidade.

Lenta mas progressivamente sente-se o desvanecer da preocupação doentia dos planos desconformes para, em seu lugar, surgir esta era de realidades, em que ao pensamento delineador sucede, sem quebra de continuidade, o esforço de execução.

Em política nacionalista os projectos constituem a nota prévia de uma acção imediata.

Foram os factos que reformaram a nossa mentalidade, desviando-a da influência emoliente da retórica, para a temperar na escola do trabalho profícuo.

O reflexo desta orientação no campo doutrinário reside, nas suas linhas gerais, na obediência aos princípios eternos da nossa civilização, às verdades imutáveis da nossa História, com a adição das lições fecundas da experiência, que o fluir do tempo vai propiciando.

Às concepções nevoentas, preferimos os princípios exequíveis; à democracia, poeira de indivíduos, sucede o corporativismo, sôma dos elementos vitais do corpo nacional; à idolatria pelo figurino estrangeiro, sobrepomos o regresso às fontes do nosso lusitanismo.

A doçura espiritual e cristã do nosso imperialismo nada tem de comum com a sanha agressiva das manifestações de força que agora irrompem na Europa.

Tôda esta remodelação por que passa Portugal filia-se no poder realizador de Salazar que, numa significativa insistência afirma, através dos seus discursos, que não é um ideólogo. De facto, tôda a doutrina do Estado Novo caracteriza-se pela sua feição objectiva, denunciadora de um expressivo intuito de adaptação à vida real.

Este pensamento directivo da acção reformadora da Ordem Nova explica-nos o êxito obtido na solução dos problemas financeiro, político e social.

E' por se envolver numa onda de sonho que a obra da democracia se reduz a espuma que o sol doira de efeitos illusórios. Em contraste com as ideologias vagas e sentimentalistas, o Estado Corporativo enveredou pelo realismo, num franco repúdio pelas palavras sem sentido.

Este novo rumo da política nacional define o carácter da oratória dos homens do Estado Novo: perfurante nas suas deduções e sóbria na sua urdidura literária. Sacrifica-se a sonoridade da forma em benefício do relêvo da ideia.

A política de realidades que o Estado Corporativo encetou vai contrabalançando a nossa natural inclinação discursiva, agravada pela palavrosa eloquência tribunícia e, ao mesmo tempo, modelando o espírito português segundo uma visão prática das questões nacionais. Tôda a doutrina impulsadora da nossa remodelação inspira-se na escola da vida, tendo em atenção as «constantes» da nossa História e o carácter da nossa gente.

Em obediência a êste pensamento só pode arrogar-se do título de homem do Estado Novo aquêle que, no seu diário, regista, de harmonia com as suas possibilidades, alguma aplicação de esforço, no sentido de concretizar os princípios que informam a Ordem Nova.

Só pela nossa actividade persistente, disciplinada e metódica, podemos contribuir para a formação de uma sólida mentalidade corporativa que vivifique os quadros do edificio social em construção. Os torneios de palavras estão excluídos do campo político português.

Cinzelar frases, por mais beleza literária que elas espelhem, é uma função de diletante, que não se compadece com esta hora de acção.

HUGO DE ALMEIDA.

JÁ OS VÉLHOS CONTOS gregos nos falam das questões entre os novos e os velhos. Essa velha luta ainda perdura em nossos dias; tudo questão dum erro. E o problema é bem claro. Há sempre uma juventude, alegre e sã, ideal alto, em sonho de Galaaz e aventura de Amadís, que segue avante sem «glória de mandar», *segundos fins*, antes conhecedora da sua força e da sua posição.



É COSTUME CHAMAR-SE irrequieta à juventude que exterioriza sua alma moça; precocemente senil à que se dedica ao estudo sério. O'ptimos pretextos para a porem de parte e à parte, para se banquetear mais à vontade. Assim se portaram para com a mocidade os demo-liberais.



VENÇAMO-NOS a nós mesmos. Cultivemos o nosso espírito e corpo, trabalhemos e firmemo-nos; mostremos que, sem perdermos as nossas qualidades — corpo moço em idade moça — educamos as nossas virtudes, lutando contra os nossos vícios. E assim, sem quebra do nosso entusiasmo e alegria, saberemos levar a sério as coisas sérias. A vitória será nossa.



A HORA É NOSSA! — não são palavras vãs, divisa sem sentido. A hora é dos novos e para os novos. Mas não se confunda!

Há almas moças em corpos moços, como as há em corpos a quem a idade pesa; da mesma maneira temos o contrário: almas velhas em corpos velhos e em moços. Daí a confusão.



SENDO ASSIM definem-se os que nos guerreiam: os velhos-velhos, inúteis durante tôda uma mocidade e velhice, e os velhos-novos, que de novos só têm o registo de nascimento. Demonstraremos a uns que temos juventude, a outros cultura; a uns e outros as duas coisas conjugadas. E venceremos. Ao ímpeto da nossa juventude, aliaremos a cultura do nosso espírito — o querer forte. Formaremos assim uma barreira invencível — a nossa mentalidade!

D A C I D A D E

VIDA CATÓLICA

NOTICIÁRIO

2.º domingo depois da Páscoa

JESUS NAS BODAS DE CANÁ

Evangelho (Joan., I, 11). — Celebraram-se umas bodas em Caná da Galileia; e achava-se lá a Mãe de Jesus. E foi também convidado Jesus com os seus discípulos para as bodas. E, faltando o vinho, a Mãe de Jesus diz-lhe: «Eles não têm vinho». E Jesus responde-lhe: «Mulher, que tenho eu de comum contigo? Ainda não é chegada a minha hora». Diz a Mãe de Jesus aos que serviam: «Fazei tudo que êle vos disser». Ora estavam ali postas seis talhas de pedra, para servirem às purificações de que usavam os Judeus, das quais cada uma levava dois ou três almudes.

Jesus diz-lhes: «Enchei de água essas talhas». E elles encheram-nas até cima. E Jesus diz-lhes: «Tirai agora, e levai ao arquitriclino». E elles levaram. E o arquitriclino, tanto que provou a água que se convertera em vinho, como não sabia donde êle viera, ainda que o sabiam os serventes, porque eram os que tinham tirado a água, chama o noivo o tal arquitriclino, e diz-lhe: «Todo o homem põe primeiro o bom vinho; e, quando os convidados já têm bebido bem, então é que apresenta o que é inferior; tu porém tiveste o bom vinho guardado até agora». Por êste milagre deu Jesus princípio aos seus em Caná da Galileia; e assim manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nêle.

Homília. — Nosso Senhor Jesus Cristo é indicado na sagrada Escritura com muitos nomes: Deus, Senhor, Salvador, Rei, Mestre, e merece-os todos, na verdade... Hoje, neste Evangelho, apelida-se a si mesmo Bom Pastor. Devemos agradecer a Jesus um tal nome, por si mesmo atraente e belo e que revela toda a ternura e solicitude do seu coração para conosco.

Recordemos em poucas palavras as qualidades que o próprio Jesus indica serem necessárias ao Bom Pastor e vejamos como êle as realizou na sua pessoa adorável.

O bom pastor deve conhecer as suas ovelhas; não somente o seu número e côr porque um mercenário também pode conhecer estas circunstâncias, mas o carácter, as inclinações, os defeitos e principalmente as necessidades das suas ovelhas.

Ora não há pastor nenhum que conheça tam bem as suas ovelhas, como Jesus conhece as suas.

O bom pastor guia as suas ovelhas para que se não afastem nem percam...

Chama-as e corre atrás delas logo que se desviam do redil...

Ora Nosso Senhor Jesus Cristo na sua bondade infinita tudo isto fêz pela nossa alma.

Um bom pastor não segue atrás das ovelhas espancando-as e ferindo-as; caminha à sua frente e elas nada mais fazem do que segui-lo.

Ora Jesus não é como os fariseus que impõe aos outros cousas pesadas, mas nem as querem tocar com os dedos. Ele como Bom Pastor precede as suas ovelhas e mostra-lhes o bom caminho. Jesus Cristo vigia também de dia e de noite, as suas ovelhas e guarda-as melhor do que quaisquer outros pastores de gado. O bom pastor leva a ovelhas para onde as pastagens são mais verdes e abundantes e a nada se poupa para que elas aí se dêem bem e engordem.

Ora principalmente aqui Jesus é o bom pastor por excelência, porque alimenta as suas ovelhas como pastor nenhum alimentou as suas.

Os outros pastores nutrem-se das suas ovelhas, ao passo que Jesus dá-se todo às suas.

Nos grandes perigos que ameaçam o rebanho os mercenários fogem; mas vemos algumas vezes o bom pastor expor-se à morte para defender as suas ovelhas.

Ora Jesus foi bom Pastor ao ponto de dar a vida por nós. E' ver o amor com que se ofereceu para nos resgatar; tudo o que sofreu em Belém, no Egípto, em Nazaré, durante a vida pública, durante a Paixão...

Morreu para nos dar a vida, para nos cumular de graças e nos merecer o céu! E, apesar de tudo, ainda o não amamos...

Conclusão. — Eis como nosso Senhor é um bom Pastor. Pensemos, portanto, no amor infinito com que nos conhece, nos guia, nos guarda, nos nutre e se entrega por nós.

Amemo-lo, pois, e sigamo-lo como boas e fiéis ovelhas; não vivamos senão para êle façamos em tudo a sua vontade a fim de que êle se digne conhecer-nos como ovelhas suas e nos admita um dia às celestes pastagens. Amen.

(Thiriet).

Festividade

Como já havíamos notiado realizou-se no templo dos Santos Passos, a expensas da ex.^{ma} Condessa de Margaride, a festividade anual em honra da Virgem dos Prazeres, que decorreu com muito luzimento.

A's 11 horas celebrou-se missa solene; de tarde houve Vésperas, Sermão, Ladaínia e Bênção do Santíssimo Sacramento, tendo presidido a a estes actos o rev. Augusto Borges de Sá, que era acolitado pelos revs. José Leite e António Teixeira de Car-

Excursão

Nesta quinta-feira visitaram-nos, acompanhadas de suas ex.^{mas} professoras, as alunas do Liceu Maria Amélia.

valho, servindo de mestre de cerimónias o rev. António Pires Quesado.

O sermão foi confiado ao ilustrado Abade da Foz.

O trôno da Virgem estava disposto com gosto e iluminado por muitos lumes. No côro fez-se ouvir a *Scola Cantorum* das Oficinas de S. José.

A esta solenidade assistiram muitas Senhoras.

Dr. Raúl Alves da Cunha

Regressou a Lisboa o sr. dr. Raúl Alves da Cunha, illustre Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal.

Grupo Desportivo

Em Santa Maria de Inhas fundou-se um grupo de futebol composto pelos srs.

António Lopes da Cunha (capitão), Domingos Machado, Bernardo Machado, Nicolau da Silva, Amadeu de Sousa Oliveira, José Coelho, Luiz Mendes, José Teixeira, Guilherme Martins, Joaquim Marques Alves Dias e Basílio Pereira.

Curso de Metodologia da Moral Cristã

Decorreu dentro dum ambiente vincado de estudo o curso realizado em Braga, para os professores officiais, sobre o estudo da pedagogia e didáctica do ensino da moral, nas escolas primárias. Até lá deslocaram-se os professores do nosso concelho. Os nossos amigos srs. Almeida Correia e Manuel Rocha, sacerdotes que à organização da M. P. têm dado todo o seu tempo, agradaram plenamente.

Associação fúnebre

Em reunião, foram aprovadas as contas do 1.º trimestre e outros problemas de ordem administrativa, tendo sido louvada a direcção desta colectividade.

Missa do 3.º dia

Foi muito concorrida a missa sufragando a alma do sr. António José Pereira da Silva Lima, celebrada na basilica de S. Pedro.

Para a Penha

No próximo 1.º de Maio sairá em procissão de velas, da capelinha de S. Lázaro para a Igreja da Misericórdia, a linda imagem de Nossa Senhora da Conceição, que se destina à Penha, oferta do escritor nacionalista capitão Júlio da Costa Pinto.

Américo Durão

A grande revista nacionalista *Ocidente* começará a publicar, no seu próximo número, a sair em 1 de Maio, o trabalho inédito do poeta Américo Durão «Já não temos vinte anos», peça de teatro que o nosso amigo e colaborador publicará também em separata, mas fora do mercado.

Vão as nossas saudações com a certeza de mais um êxito da sua pena brilhante.

Festas dos Centenários

Ainda êste mês deve visitar Guimarães, a fim de reunir com as comissões dos centenários, o sr. coronel Linhares de Lima, antigo ministro do Interior e da Agricultura e illustre membro da comissão executiva das Festas do duplo centenário.

Esta visita causará por certo grande

alegria na nossa terra, vindo demonstrar mais uma vez o interesse da comissão executiva pela Festa da Fundação e por Guimarães.

Responsabilidades grandes pesam sobre nós para bem corresponderemos ao interesse manifestado pela ex.^{ma} comissão executiva das Festas dos centenários.

*

A convite da Câmara Municipal vem a esta Cidade fazer uma conferência sobre o significado das comemorações a realizar o Historiador e Crítico illustre, dr. Alfredo Pimenta.

Aniversários

Fazem anos neste mês as ex.^{mas} sr.^{as} e srs.:

22 — D. Maria Augusta de Sousa Queiroz.

25 — D. Maria da Araújo Fernandes, D. Maria Vitória Peixoto de Bourbon, D. Helena Maria Carvalho de Moraes Cardoso de Menezes e D. Maria Fernandes Loureiro Moreira.

28 — D. Maria José da Piedade Tavares Ferrão do Amaral Lôbo Machado e Dr. António de Oliveira Salazar.

29 — Condessa de Sobral.

30 — D. Ermelinda da Conceição Fonseca.

Capitão Mário Cardoso

Partiu para Lisboa, de regresso das Férias da Páscoa, o sr. capitão Mário Cardoso, director da S. M. S.

Doentes

Continuam doentes o sr. professor Mário Menezes, bem como o seu filho. Os nossos desejos de melhoras.

Falecimentos

Faleceu em Coimbra, contando 59 anos de idade, o distinto vimaranense sr. dr. Alfredo Lopes de Matos Chaves, irmão das senhoras D. Maria do Céu e D. Laura de Matos Chaves e dos srs. drs. Fernando, José e Francisco de Matos Chaves.

Os nossos cumprimentos de pesar.

Mocidade Portuguesa

Partem amanhã para Vizela, onde vão em passeio passar o dia, os filiados desta cidade, acompanhados pelos seus dirigentes.

Legião Portuguesa AVISO

São avisados por êste meio todos os legionários prontos e recrutas para comparecerem neste quartel, pelas 8,45 horas do próximo domingo dia 23 do corrente, para a instrução de conjunto e preparação do exercício final que se realizará em data a determinar.

Quartel em Guimarães, 18 de Abril de 1939.

O Comandante do Batalhão,

Ernesto Moreira dos Santos,

Tenente.

ANTI-MARXISMO

BOATOS

Auto-condenação

No *Jornal de Moscou*, de 7 de Março do corrente ano, pode ler-se o seguinte:

«Em quatro anos (1933-1937), a receita global dos Kolkhozianos aumentou 27 vezes e as importâncias distribuídas por estes em referência aos seus dias de trabalho aumentou, durante esse período, 4 vezes e meia.

Em 1932, cada Kolkhose recebia, para pagamento dos dias de trabalho, seis quintais de trigo; em 1937, recebeu dezassete e meio».

Esta é a melhor condenação do regime soviético que, sob o rótulo de fornecimentos obrigatórios, rouba aos camponeses a maior parte das receitas.

Ora vejamos: Conclue-se, em primeiro lugar, que a fome de 1932-33 foi, na verdade, terrível, pois a receita, em quatro anos, pôde tornar-se vinte e sete vezes maior: Reconhece-se que, enquanto a receita global bruta dos Kolkhozianos assim aumentava, a sua receita líquida em dinheiro apenas passava de 1 para 4,5 e a receita em géneros de 1 para 3 (de 6 quintais a 17,5 por lar).

Como se vê, fugiu-lhes, desta vez, a língua para a verdade...

* * *

A unidade soviética...

Segundo informações recentes de Kieff, apareceram na Ucrânia soviética numerosas publicações clandestinas dirigidas contra o regime e contra a ocupação russa. Naquela cidade surgiram numerosos manifestos em que os autores apontam a falência do comunismo no mundo inteiro e incitam a população a libertar-se das garras de Moscovo e a proclamar a independência ucraniana. A-pesar das diligências rigorosas efectuadas pela G. P. U., os autores destes manifestos de propaganda não foram descobertos. A polícia teve de limitar-se a deitar a mão aos transeuntes que liam os cartazes afixados nas ruas. E' esta a primeira vez que os elementos nacionalistas da Ucrânia, ao cabo duma quin-

zena de anos, conseguem distribuir tais publicações.

Tudo isto prova que a famosa unidade soviética não passa de mais uma mentira e que o povo da Ucrânia, conhecedor como poucos da «excelência» do regime moscovita, deseja pôr-lhe termo e tornar-se independente.

Exigências dos comunistas

Segundo os decretos recentemente sancionados pela ditadura bolchevista, um simples atraso na chegada à fábrica pode justificar a perda da carta de trabalho, o que na U. R. S. S. constitui uma condenação a vagabundo forçado, com tôdas as suas conseqüências: a deportação e a morte.

O pior é que no «paraíso» vermelho não é fácil andar a horas e isto porque é extremamente difícil sabê-las...

Falta o dinheiro para comprar relógios e, mesmo, não há relógios.

Embora cheguem pontualmente à fábrica, os operários têm de aglomerar-se durante quinze minutos ou mais diante do relógio verificador das entradas. De modo que, para estar a horas, é preciso chegar com vinte minutos de antecadência...

A *Pravda du Konsomol* dá-nos, ainda a respeito dos relógios, uma informação curiosa que vem no seu número de 15 de Janeiro d'este ano:

«Fomos a tôdas as lojas de Moscovo procurar um despertador, mas este objecto desapareceu por completo da circulação. Receando perder um combóio, somos obrigados, por isso, a sair de casa uma hora mais cedo do que seria, normalmente, preciso».

E' bem sintomático este episódio. A verdade, de há muito reconhecida, é que os bolchevistas não sabem a quantas andam...

A Falência da Campanha Anti-Religiosa na U. R. S. S.

A liga dos «sem Deus» da U. R. S. S. parece que está em maus len-

çóis. Pelo menos, foi acusada de ter realizado uma propaganda no fim de contas altamente prejudicial. A *Bezbojnok* e a *Krasnaia Gazeta* demonstram, numa série de artigos, como a negação total da religião origina uma série de preconceitos, alguns dos quais absolutamente estúpidos.

Longe de qualquer fé, a população torna-se supersticiosa, a ponto de se assemelhar aos prêtos da África central.

Acredita em preságios, na influência nefasta de certas datas e de determinados dias da semana. Para executar qualquer obra, recorre a amuletos, a sinais cabalísticos, até mesmo a fórmulas mágicas empregadas na época pagã.

Os charlatães e os adivinhos abundam naturalmente, quer nas cidades quer nas aldeias, fazendo excelente negócio com a venda de horóscopos e de talismãs.

A imprensa bolchevista oficial reconhece, desta forma, que vinte anos de campanha sistemática contra a religião apenas tiveram como resultado ou afervorá-la ou substituí-la por uma superstição bárbara.

Lealdade Vermelha

O governo vermelho espanhol chegou a afirmar perentoriamente que não havia nas fileiras dos seus defensores um único estrangeiro pertencente a uma brigada internacional. A comissão nomeada pela S. D. N. para verificar a verdade desta asserção declarou, também, que o número dos combatentes não espanhóis era de 12.673 mas que todos estes se haviam retirado de Espanha.

Ora, além dos muitos estrangeiros que se encontraram entre os fugitivos de Cerbére, de Port Bou, descobriu-se que as brigadas 11, 13 e 15 haviam sido reorganizadas por decreto de 25 de Janeiro d'este ano. Era assim a lealdade «vermelha»...

PROBLEMAS MUNICIPAIS

A questão da luz — Historiando

A sentença proferida pelo Supremo Tribunal Administrativo em 20 de Julho de 1934 contra a firma Bernardino Jordão, Filhos & C.^a foi publicada, para ter efeitos legais, no *Diário do Govêrno* em Novembro seguinte. A firma, alegando que os contratos de 1913 e 1919 que haviam sido anulados, lhe tinham acarretado despesas grandes, começou logo a apresentar reclamações e a pedir aumento de preços.

Pretendia sobretudo que o preço da luz fornecida a particulares fôsse pago como o estava sendo em Vizela e requeria à Câmara uma indemnização de 83 contos.

A Câmara não autorizou o aumento de preços nem concedeu a indemnização pedida, embora se declarasse pronta a estudar o assunto e dar ao ex-concessionário o que fôsse de justiça.

Mas inesperadamente e quasi em segredo, sem que a Câmara fôsse ouvida sobre o caso, no mês de Dezembro de 1934, a firma começou a cobrar aos particulares a importância da energia ao preço de 1\$00 o quilovate, quando o preço acordado era de \$90. Alguém informou a Câmara do que se estava a passar e esta avisou a firma de que não consentia neste aumento e ao mesmo tempo deu conhecimento ao público, em nota officiosa, da sua atitude e informava os consumidores de que não deviam pagar mais do que haviam pago até aquela data.

Aconteceu, porém, que estes, na sua quasi totalidade, com receio de represálias e também porque não achavam gravoso o aumento, preferiram pagar os recibos que lhes eram apresentados a indispor-se com os for-

necedores. Do facto tiraram estes maior coragem para fazerem novas exigências.

Em Fevereiro do ano seguinte, 1935, um certo número de industriais que consumiam energia em baixa tensão para o funcionamento das suas fábricas dirigiram-se aflitos à Câmara a comunicar que Bernardino Jordão lhes havia suspenso o fornecimento de energia e lhes paralisara assim as suas indústrias que davam trabalho a muita gente.

Fôra o caso que a referida firma, em virtude da anulação do contrato de 1919, se não julgava obrigada a fornecer energia diurna e interrompera por isso este fornecimento.

Tratava-se, evidentemente, dum facto de interesse público, que não po-

Já vários amigos se nos dirigiram a lamentar que por todo o concelho se faz uma intensa propaganda derrotista que pretende fazer acreditar que a Câmara de Guimarães, com o seu ilustre e prestigioso presidente, vai ser substituída. Afirmam as pessoas, que sobre o caso nos falamos, que tal notícia causa profundo desânimo na gente honesta (que graças a Deus é a maioria) das nossas freguesias rurais, que têm as mais fundadas esperanças no actual Presidente da Câmara e nos seus colegas da vereação, tudo pessoas de bem de indiscutível honestidade e de passado limpo e coerente, que é garantia da sua actuação futura.

Compreendemos bem que tais atar-dos desanimem as pessoas de bem do concelho, os homens honestos que não pretendem outro cousa que não seja uma administração séria, exercida em conformidade com os princípios luminosos que Salazar traçou brilhantemente.

Compreendemos perfeitamente o seu receio de que a administração municipal, que agora está entregue em boas mãos, vá cair nas mãos de videirinhos que mais não pretendem do que realizar os seus negócios.

Mas tranquilizem-se, daqui bradamos a todos. Tenham confiança. E' certo que a intriga faz esforços desesperados para conquistar posições que lhe permitam dominar; serve-se de todos os meios até dos mais aviltantes e indignos. A intriga não vê senão os fins a atingir e todos os processos lhe servem para esse efeito. Mas tenhamos confiança. A verdade há-de triunfar.

O governo de Salazar, e com êle todos os nacionalistas sinceros, estão empenhados no combate que é preciso dar à mentira. Estamos certos de que a intriga há-de ser esmagada, por muitas cabeças que tenha e por muito bem que se saiba ocultar sob a capa da virtude. A verdade triunfará sempre no Estado Novo Português. Temos disso a consoladora certeza. Salazar e o seu governo são a nossa garantia.

* * *

O boato, que surge muitas vezes ninguém sabe donde nem como, era arma muito do agrado da política antiga. Felizmente esta acabou, mas aquêle ainda não morreu: persiste ainda e a cada passo nos surge inesperadamente no caminho, causando a muitos apreensões, dúvidas, desânimos, sofrimentos e perturbando as actividades mais produtivas e justas. O boato é arma cobarde; aquêle que dele se serve oculta-se na sombra donde despede as setas envenenadas sem correr o mínimo risco. O boato define o seu autor.

Este não tem brio nem honra nem dignidade. E' a antítese do homem do Estado Novo Português que não pode dispensar aquelas qualidades. E' miserável resíduo do estado velho com que é necessário acabar.

* * *

Ainda há bem poucos dias o nosso Govêrno se viu na necessidade de, por meio duma nota officiosa, desfazer as intrigas e os boatos que em Lisboa circulavam sobre uma concentração de

(Continua na 6.ª página)

(Continua na 6.ª página)

DA MOCIDADE

As grandes navegações

Apontamentos...

Fôlha de doutrina para infantes e vanguardistas

Muitas vezes terão ouvido falar nas grandes navegações de Portugueses — e justo é que saibam bem o que elas representam. Poucos factos históricos terão tanta importância na história do mundo.

Hei-de falar-lhes nessa página assombrosa em várias ocasiões. Por hoje, quero vêr se consigo explicar-lhes que não diz a verdade quem considera que os nossos primeiros navegadores foram aventureiros: — não foram tal aventureiros, foram heróis o que é muito diferente.

Houve sempre, na história do mundo, nações que nasceram para ocuparem apenas o seu território, viverem do comércio, da pesca, da caça, e não pensarem senão em ir vivendo pacatamente — enquanto outras nações sentiam em si um destino maior, mais alto, mais glorioso, que não cabia nas suas fronteiras e havia impor-se por qualquer forma a todo o mundo.

Em muitas cousas, as nações parecem-se com as pessoas; há pessoas que vivem um destino apagado; há outras que sentem vontade de estudar, de trabalhar, e descobrem a cura duma doença, ou salvam a pátria da ruína, ou fazem uma grande fortuna gastando-a a favor dos necessitados. Quer dizer, as pessoas, como as Nações, têm pontos em que são tôdas quasi iguais — mas podem ter outros pontos em que fazem grandes diferenças.

Ora, Portugal, pertence à categoria das nações que, como as pessoas em que lhes falo, não nasceram para viver um destino apagado. Pelo contrário.

Conquistamos a nossa independência rapidamente. Somos mais velhos que a nossa vizinha Espanha; esta só se formou verdadeiramente no reinado de Isabel a Católica, — a qual viveu no tempo do nosso D. João II.

A nossa terra era pequena na Europa, mas estava situada no melhor ponto, em ralação ao mar. Se repararem bem para o mapa, verão que Portugal é como uma grande janela aberta sobre o Oceano Atlântico.

Tendo assim o mar diante dos olhos, os portugueses começaram a estudá-lo, a compreendê-lo. E enquanto os outros povos ainda muito atrasados acreditavam que para além existia o Mar Tenebroso, com gigantes horríveis, abismos fumegantes, e monstros que metiam medo, — os portugueses começaram a compreender que não devia ser assim. Foram estudando, foram navegando cada vez melhor, e assim descobriram, pode dizer-se, todo o mundo que se conhece.

Portugal tinha só 2 milhões de habitantes quando Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia, quando Pedro Alvares Cabral descobriu o Brasil, quando Fernão de Magalhães deu a primeira volta ao mundo. Esses 2 milhões de portugueses podiam perfeitamente viver aqui, onde hoje somos 7 milhões e não nos falta espaço para andar nem pão para comer. Não foi portanto a fome, não foi portanto a sede de riqueza, não foi portanto, uma palavra, a Aventura, que nos levou a todos os cantos do mar. Foi, assim, a heroicidade natural da nossa Raça. A Raça portuguesa sentiu que Deus a fizera nascer neste lugar para que ela destravasse os oceanos

e ensinasse às outras raças como era grande e belo o mundo que Deus criara para todos. Por isso as navegações portuguesas têm um carácter tão belo; — representam o cumprimento heróico de um destino traçado por Deus e dedicadamente servido pelos homens.

Para verem bem a diferença, basta falar-lhes de dois homens; — um português Pedro Alvares Cabral; um genovês, Cristóvam Colombo. O primeiro, descobriu o Brasil. O segundo, conforme dizem alguns, descobriu a América.

A verdade porém é muito diferente.

Em primeiro lugar, está provado que foi Côrte Real, um navegador português, quem primeiro chegou à América do Norte. Em segundo lugar Pedro Alvares Cabral não foi ao Brasil por acaso; pelos cálculos feitos, pelos estudos minuciosos que os sábios portugueses tinham completado, já se sabia que naquele ponto existia uma grande terra; e quando Pedro Alvares Cabral, instruído em segredo de tudo isso, demandou as costas do Brasil, atingiu um objectivo seguro e certo; quer dizer não foi uma aventura, nem acaso; foi um problema científico que ele resolveu heróicamente, que ele resolveu arriscando a vida.

Cristóvam Colombo, esse sim, é que se meteu numa aventura. Foi pelo mar fóra, muito valente também, mas cego de todo, — e convencido de que ia a caminho da Índia. Chegou a uma das Antilhas, — que são umas ilhas muito importantes à entrada do Golfo do México — e nem sequer soube ver que estava numa ilha, e não soube que essa ilha pertencia a outro continente. Voltou para trás muito contente e declarou que tinha chegado à Índia, — isso apesar de não ter visto índio nenhum. Só mais tarde se desfez o engano. Mas ainda hoje os ingleses chamam às Antilhas *West Indias*, ou seja «Índias do Oeste», por causa desse engano de Cristóvam Colombo.

Os navegadores portugueses não se enganaram nunca. Pedro Alvares Cabral ia com uma grande frota para a Índia; teve ordem de ir primeiro reconhecer esse outro grande continente, e cumpriu-a, — seguindo depois para a Índia pelo único caminho verdadeiro que havia então.

Quer dizer, a grandeza das navegações está justamente em não terem sido uma aventura, uma espécie de sorte grande que saísse a meia dúzia de homens atrevidos e valentes. Nada disso. Foi tudo pensado, premeditado, calculado, — e depois cumprido progressivamente, com os mais heróicos e sublimes sacrifícios.

Uma parte do povo e até uma parte das pessoas que se julgavam sensatas, — não queriam que os nossos homens partissem assim a correr tais perigos. Mas os chefes mandavam, — e os marinheiros, sentindo que os chefes mandavam bem, obedeciam.

Hoje, tudo isto nos parece claro e simples. Mas naquele tempo o pensamento português tinha que ser um pensamento avançado, tinha que vencer muitas dúvidas e temores; ele nos pôs na vanguarda da civilização; ele fez com que todo o mundo, maravilhado pelos nossos descobrimentos, fôsse atrás de nós pelos caminhos que nós tínhamos aberto.

(Continua na 6.ª página)

Em breves palavras iremos focando factos que presenciámos, notas que arquivámos, apontamentos que um dia tirámos.

A época dos escritos farfalhudos — muita parra e pouca uva — acabou, ou pelo menos, já devia ter acabado.

São estas notas rápidas, que a seguir traçamos, do nosso tempo de estudante e tiradas de conversas com um amigo, a quem devemos grande parte da nossa formação mental.

Na sucessão das idades, tivemos a da pedra lascada, a da pedra polida, a dos metais...

Presentemente, encontramos-nos na idade da borracha. Borracha! eis a substância ideal para definir o carácter de tanta gente!

Vivemos na era dos safados; na idade da borracha! Como certos bonecos, os pulhas estão sempre de pé.

Não se inutilizam, não se gastam, não se desviam.

Até parece que a seriedade emigrou dos nossos costumes. Mas há-de voltar! Porque, como disse Salazar:

«O povo é sério. A vida é séria. O trabalho é uma cousa séria. E' sério ter de ganhar a vida, lavrar a terra, manejar a ferramenta, criar os filhos, lutar contra a doença e contra as adversidades, economizar do necessário para viver na velhice!»

E' para que volte que Salazar vai subindo o calvário da nossa redenção, sacrificando tudo — o sossêgo, a saúde, a vida; é para que volte, que a mocidade, acudindo, no melhor campo, ao apêlo de Salazar, e secundando, na sua esfera, a acção do chefe ao serviço da Nação, existe; é para que volte que todos os bons portugueses, pondo ao lado quanto possa e não deva separar ou dividir, se unem à volta da Bandeira da Sala do Risco, cujo espírito informou a lei fundamental ou constitucional do País e está presente em toda a parte onde se vê Salazar ou a sua obra.

E' preciso que acabe o reinado, já demasiadamente longo, dos safados, dos videirinhos, dos invertibrados! A vida é séria...

Veio de cima o mal; de cima nos vem, agora, o bom exemplo.

No Sr. General Carmona temos o homem prudente, sensato, inteligente e firme, a cujos pés se desfazem em espuma as ondas da intriga e morrem as avançadas dos últimos abencerragens da liberal democracia falida, dirigidas, com a mais judaica suavidade, contra a Pátria, representada na figura imaculada do Sr. Presidente do Conselho.

Neste, contemplamos, desvanecidamente, o restaurador de Portugal; o homem que os revolucionários do 28 de Maio, e todos que amam a Pátria, pediam a Deus; o executor de tudo quanto de bom existia no programa do Nacionalismo Português, realizável em qualquer regime político nacional; o estadista que nos actos da sua vida particular e da sua vida pública inalteravelmente exemplifica as doutrinas que proclama, dando a todos o mais sugestivo exemplo de honestidade, carácter, disciplina e trabalho; um daqueles homens, enfim, que só de séculos a séculos aparecem.

VANGUARDISTA.

DAS ARTES E DAS LETRAS

O SONHO DA INDIA — Afonso de Albuquerque

O retrato de Afonso de Albuquerque está ainda para grande parte dos que lêem muito mal delineado. «Foi um grande capitão» e não passa desta faceta — os próprios coevos lhe não encontraram outra — é o maior elogio que lhe dedicam. O Albuquerque terrível foi lugar comum que todos repetiam ao prestarem homenagem a este governador de Impérios.

E Afonso de Albuquerque não foi principalmente isto. É uma vida dedicada inteiramente a uma obra, uma vontade forte, um realizador imediato, uma inteligência sagaz, um querer persistente, um fim grandioso — a criação dum Império — que com mão de ferro, contra todo o vento da insânia, resolvendo tôdas as dificuldades, vai erguendo a pouco e pouco nas paragens longínquas das Índias. E que escolhos êle encontrava!...

«Acrescente-se a isto a aflição constante da falta de recursos — o problema de fazer tijolos sem ter palha, de obrigar centenas a fazer o trabalho de milhares, de manter tropas sem equipamento, de sustentar a guerra sem abastecimentos, de dominar o mar com navios velhos — a necessidade de ajustar os meios às circunstâncias, a preocupação e cuidados necessários para mostrar grande poder, menos que destrutivos que lhe vinham do reino.»

«Para nos convencermos inteiramente de que Albuquerque amava o seu trabalho ingrato, de que estava metido nêle de alma e coração, não temos senão que ler as suas cartas, e o ter vivido tantos anos nesse trabalho, prova que a sua força física era quasi igual às suas faculdades mentais.»

E' o grande Ditador da India. Em si reúne a chefia militar do exército e da armada; a suprema instância da

justiça, da administração e da educação públicas. Comanda directamente as naus e os exércitos, dirige as obras em construção, administra a justiça e orienta a política tanto interna como externa. É como todos os grandes génios é na morte que a sua alma se ergue dominadora — os mortos mandam — acima de toda a intriga, de toda a infâmia e cobardia.

«Morreu no momento em que a nau largava âncora no pôrto de Goa.»

Lopo Soares, seu sucessor na India, «partira para lá julgando triunfar dum vivo; em vez disto foi humilhado pela recordação»... dum morto.

«Já passaram quatrocentos anos sobre a morte de Albuquerque, mas a sua memória, em Goa, ainda hoje é venerada!»



Tôda essa carreira grandiosa, de Lisboa à India, Malaca, Cochim, Goa, Omão, Mar Vermelho; tôda essa India misteriosa, de intrigas e traições; todo esse sonho, O Sonho da India, perpassa vertiginosamente ante nossos olhos, em filme fantástico de epopeia de gigantes, ao lermos o maravilhoso livro *Indies Adventure* que a illustre escritora Elaine Sanceau fez e o dr. José Francisco dos Santos, reitor do nosso liceu, tam bem traduziu.

Deveremos à «Livraria Civilização», do Pôrto, a primorosa edição portuguesa do livro de Miss Elaine Sanceau, continuando assim a sua tradição de mostrar aos portugueses o seu verdadeiro Portugal, aquêle que em páginas de epopeia se encontra gravado nas cinco partes do mundo. Bem merece, por isso.

A. P.

CARTA DE LISBOA A Penha

Onze anos na Presidência da República

Passou esta semana o décimo primeiro aniversário da proclamação do Chefe do Estado. O facto merece que o destaquemos. Onze anos é muito — até mesmo na vida duma nação. Em onze anos pode-se transformar um povo, pode-se fortalecer um país, pode-se renovar uma mentalidade, pode-se criar uma cultura. E tudo isso já em grande parte se fez entre nós. O principal argumento contra o regime republicano — a descontinuidade — encontra-se assim, graças à permanência na suprema magistratura da nação, singularmente diminuído na sua verdade e na sua força. Sim. Porque é em durar que consiste o segredo fundamental da política, de qualquer política. Sem o auxílio generoso do tempo nada se constrói que fique para sempre a perpetuar na gratidão dos homens e na muda eloquência das pedras tôda a amplitude duma ideia ou tôda a altura dum sonho.

A bênção dos barcos bacalhoeiros

Foi impressionante pelo que simbolizou e pelo que constituiu a cerimónia religiosa que no domingo, sob um sol e um azul perfeitamente de bênção, se realizou sobre as águas calmas e lustrosas do nosso Tejo. Os lugres que vão partir dentro de poucas semanas ou poucos dias para a trabalhosa e dura pesca do bacalhau nos ennevoados e perigosos «bancos» da Terra Nova receberam a visita do arcebispo de Mitilene, que, em nome do Cardial Patriarca de Lisboa, ainda achacado, levou aos pescadores tostados pelos ventos do largo e temperados pelas tormentas dos mares do

norte a inefável e preciosa certeza de que Deus está sempre com aquêles que trabalham, nunca os desacompanha, nunca os abandona.

A mensagem de Roosevelt

Confesso que a mim quasi me comoveu e quasi me fez sorrir aquella mensagem que Roosevelt enviou, com tôda a desenvoltura dum «cow-boy» e tôda a ingenuidade dum socialista, às grandes potências da Europa. Deseja Roosevelt que as nações ponham acima de tudo a paz; mas qual é hoje na Europa a nação que quer a guerra? Pretendem Roosevelt que as nações estudem e resolvam entre si os problemas que as preocupam e as inquietam; mas qual é hoje no mundo a nação que não procura para cada um desses problemas a solução apropriada? Que não se esfôrça por encontrá-la?

Simplesmente as Soviéticas e porventura agradariam à Itália e à Alemanha não agradam, não podem agradar à Inglaterra e à França. Tudo quanto à margem disso se faça ou se diga é, por consequência, sinal certo de ingenuidade ou então de hipocrisia.

Primavera

Parece que chegou a primavera. E não chegou cedo... Chegou mesmo tam tarde que por um triz não se encontrava com o verão...

Nos mercados a primavera afirma a sua presença pelas flôres e pelos frutos; nos livrarias, outro género de mercados, pela ausência de novelos. Saiu mais uma edição da «Ana Paula», o discutido romance de Joaquim Paço de Arcos, e é só isto o que sei.

Lisboa, 18-4-39.

D. F.

De O Comércio do Pôrto (18-4-39):

«A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Penha, deliberou iniciar, hoje, as obras de reconstrução do Santuário Eucarístico.»

Pergunta-se: Sabendo-se que o delineamento desse templo obedeceu à ideia de se montarem na sua cabeceira as formosíssimas talhas de Santa Clara, agora infelizmente destruídas, e sendo do conhecimento público que essa obra tem de contar apenas com a ajuda dos particulares, porque motivo pretendem levantá-la segundo um projecto que não tem já razão de ser?

Parece que seria lógico mandar estudar todo o plano de melhoramentos da Penha e só depois de ouvido um paisagista competente e actualizado, resolver sobre este assunto.

A Irmandade terá dinheiro para fazer à sua custa tôda a participação?

Não deseja a comparticipação do Estado?

A Penha não pode continuar a ser semeada de obras que por falta absoluta de beleza ou por não obedecerem a um plano de conjunto, tenham resultado inverso daquele que pretendemos e a inferiorizem aos olhos dos visitantes cultos.

Assim... é melhor não trazer lá nada!

MARTIM VICENTE.

Preço da assinatura

Anual	24\$00
Semestre.	12\$00
Trimestre	6\$00
Avulso	\$50

Política exterior portuguesa

Salazar definiu, um dia, as directrizes da nossa política internacional, marcando a orientação que logicamente resulta do nosso condicionalismo geográfico e histórico.

Esses três princípios essenciais que Salazar enumerava eram: abstenção, na medida do possível, de nos envolvermos nas divergências europeias; manutenção de relações de amizade com a Espanha; valorização da nossa posição atlântica.

A todos estes três objectos corresponde o tratado de amizade e de não-agressão que acaba de ser assinado em Lisboa, entre os representantes dos Governos Português e Espanhol.

E' desnecessário encarecer a importância dêste acto diplomático, em que se testemunham, por forma inequívoca, os sentimentos, tam sinceros e tam espontâneos, que hoje ligam as duas Nações peninsulares.

Mas tem interesse muito especial pôr em relêvo a significação concreta dos compromissos assumidos e a sua concordância plena com a definição das directrizes da nossa política exterior.

Em primeiro lugar, contribue este pacto para a garantia da segurança das nossas fronteiras terrestres, dissipando-se todo o risco de uma agressão contra o nosso território.

A Espanha é naturalmente uma potência neutral perante os conflitos generalizados da política europeia, mas a sua posição é susceptível de se modificar e, nesse caso, poderia, em certas eventualidades, ficar comprometida a nossa segurança.

Contra esse risco nos cobre inteiramente o tratado que foi recentemente assinado.

Por outro lado, consagra esse pacto o princípio da amizade entre os dois povos da Península, visto que essa amizade se exprime por forma que se não presta a equívocos e tam clara que entre os dois países se julgam dispensáveis as consultas nos casos de crise.

Sob outro aspecto nos interessa ainda o pacto luso-espanhol, na medida em que contribue para valorizar a nossa posição atlântica.

A coberto de uma agressão pela fronteira terrestre, a nossa posição marítima torna-se infinitamente mais forte para assegurar o dominio das comunicações oceânicas.

Quando se encaram sob estes

(Continua na 7.ª página).

AS GRANDES NAVEGAÇÕES

(Continuação da 4.ª página)

E é essa a grande lição que hoje deviamos ter sempre presente. Em vez de esperarmos que os outros façam qualquer coisa, para os seguirmos depois, — façamos nós o que a nossa razão e o nosso instinto de portugueses nos aconselham. Trabalhe-mos sempre, — aceitando com bravura os sacrifícios. Estudemos sempre — sem temer o cansaço. Obedeçamos com entusiasmo aos nossos chefes, — quando vemos que eles se sacrificam connosco e nos acompanham em tudo quanto nos pedem. Retomemos o nosso lugar na vanguarda do mundo, — que já nos conhece. Tenhamos ambição, muita ambição, — não de riquezas naturais mas de grandezas espirituais. E assim como quando eramos apenas dois milhões conquistamos a glória imortal para a nossa terra — assim hoje que, na Europa e em todos os continentes somos muitos milhões mais — conquistaremos pelo nosso esforço uma glória pelo menos igual, não nos baldões da aventura mas no caminho luminoso do dever cumprido.

Festividade a Santa Vera Cruz

A mesa da Irmandade de Santa Vera Cruz nomeou a seguinte comissão para a festividade de Santa Vera Cruz e comemoração do 3.º centenário da fundação desta histórica capela à rua Padre António Caldas:

Juíz: Dr. Américo de Oliveira Durão; Juíza: D. Ana Viamonte Figueiras de Sousa; Vogais: Joaquim Ferreira, Joaquim de Oliveira, Ilídio da Silva Martins, Silvino José Fernandes, Bento Martins e Sebasião Cunha; Mordomos: Francisco Martins, Fernando Santos Rodrigues, Amílcar Augusto Borges, Manuel Pereira, José Ribeiro Dias e Armindo da Cunha Machado; Mordomas: D. Ana Veiga Pedras, Juíza; Maria Conceição Borges, Crizanta Cunha Machado, Laurinda Fernandes, Joaquina Martins, Emília Ribeiro Machado, Custódia Corália da Costa Fernandes, Izilda Pereira, Maria Leite, Ana Pereira, Ana Rosa, Joaquina Silva, Palmira Ferreira, Aurora Cunha, Amélia Cunha, Clotilde Anjos Marques, Maria Adelaide Pinto Ferreira, Rosa Ribeiro Dias, Maria Dolores Ferreira Freitas, Deolinda Simões, Conceição da Cunha e Maria Conceição Martins.

Programa: — Dia 1 de Maio, início dos exercícios do mês de Maria; dia 3, missa rezada, comunhão geral e Jubileu da Irmandade em louvor de Santa Vera Cruz; dia 28, às 8 horas missa rezada, às 11 horas missa cantada e sermão por um distinto orador sagrado do seminário da Costa e comunhão geral; de tarde concerto pela banda dos Bombeiros Voluntários das Taipas, bazar de prendas, e fogo do ar por afamados pirotécnicos; dia 31, conclusão do mês de Maria, com missa rezada e comunhão geral; de tarde, terno, consagração e bênção.

Pela Câmara Municipal

A Câmara em sua sessão de 14 do corrente, delibrou:

Adquirir uma morada de casas, de três andares, da rua Francisco Agra, com os n.ºs de Policia 18-20-22, pela quantia de 35.000\$00 a D. Maria das Dores, viuva, proprietária desta cidade, e filhos.

Aprovar a seguinte tabela de preços, de carnes verdes, a começar na próxima terça-feira 18 do corrente:

Boi — lombo e lingua, 11\$00; carne de 1.ª com osso, 7\$00; idem sem osso, 9\$00; carne de 2.ª com osso, 5\$00; idem sem osso, 7\$00; carne de 3.ª com osso, 4\$00; idem, sem osso, 5\$00.

Vitela — costeletas e perna inteira 8\$00; vitela de 1.ª, com osso, 8\$00; sem osso, 10\$00; de 2.ª, com osso, 6\$00; idem sem osso, 8\$00; de 3.ª, com osso, 5\$00; idem sem osso, 6\$00.

Nos pesos inferiores a 250 gramas, a carne limpa e o lombo, do meio, custam mais um 1\$00 em quilo.

Tomou conhecimento mandando dar publicidade, das condições em que os melhoramentos rurais participam as obras de fomento, higiene e embelezamento, quer rurais, quer urbanas.

A Câmara torna publico: Que até ao dia 6 de Maio de 1939, pelas 18 horas se recebem propostas, na Secretaria da Câmara Municipal de Guimarães, para a arrematação da empreitada abaixo designada:

Construção do pavimento a paralelepipedos sobre a fundação a macadam e construção de passeios da Rua Paio Galvão:

Base de licitação: 79.100\$00.

Para ser admitido ao concurso é necessário efectuar-se na Secretaria da Câmara Municipal, o depósito provisorio de 1.750\$00, em qualquer dia útil, dentro das horas de expediente e até à da véspera do encerramento do concurso.

O depósito definitivo será de 5 % do preço de adjudicação.

O programa do concurso, caderno de encargos, medições e mais documentos, estão patentes todos os dias úteis, durante o prazo do concurso, das 11 às 17 horas, na Repartição Técnica:

Que no dia 5 do próximo mês de Maio, pelas 15 horas, no edificio dos Paços de Concelho, tem de arrematar-se em hasta pública a obra de alargamento do troço do caminho público, entre o lugar de Linhares e a igreja paroquial da freguesia de Pineiro, na extensão de 303 metros lineares, e do calcetamento do caminho público no lugar da Braia da mesma freguesia.

Base de licitação, 28.759\$50.

As condições acham-se patentes na Secretaria da Câmara, onde todos os dias úteis podem ser examinados pelos interessados.

A NÚNCIO

Na Estação Telégrafo-Postal desta cidade está aberto concurso, até ao dia 4 de Maio próximo, para adjudicação do serviço de limpeza do respectivo edificio, conforme as condições do caderno de encargos que será facultado aos interessados e na base de 200\$00 mensais.

Guimarães, 17 de Abril de 1939.

O chefe da Estação,

Julião Carneiro da Silva.

BOATOS

(Continuação da 3.ª página)

tropas italianas na fronteira portuguesa. Arquivamos esse documento:

«O sr. ministro da Itália comunicou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros quanto o seu governo apreciaria a calma e plena confiança reveladas pelo Governo Português em face de certos boatos correntes em Lisboa, nos últimos dias, e que estava autorizado a declarar encontrarem-se na zona de Alicante as forças legionárias italianas mais próximas da fronteira portuguesa, o que podia ser tornado público se fosse julgado conveniente.

«Embora não se tenha considerado valer a pena desmentir boatos inconsistentes, pelo seu absurdo, o Governo entende dever corresponder à gentileza da espontânea declaração do governo italiano, dando publicidade ao facto acima referido.»

*
*

Os que propalam o boato e a intriga, definem-se. Métodos de que se servem apenas a judiaria e maçonaria internacionais, e com os quais os «conservadores» e despeitados fazem, as mais das vezes, de seus agentes!

BRITEIROS

Visita

20 de Abril de 1939 — De passagem esteve no dia 15 na sua quinta do Paço desta freguesia o ex.º sr. Arnaldo Gonçalves grande proprietário e industrial portuense.

Festividade

Na vizinha freguesia de Santa Leocádia de Briteiros houve uma festividade à Senhora da Luz que decorreu animada. Presidiu às cerimónias religiosas o rev. pároco da freguesia e o sermão foi prégado pelo sr. padre Pedro Lopes de Oliveira.

De tarde houve arraial e bazar de prendas sendo mimoseado pela famosa banda dos B. V. de Caldas das Taipas.

Retorno

A recomçar os trabalhos escolares, chegou a esta freguesia a mui digna professora D. Maria Célia Soares de Miranda.

Susto

Dizem que no dia 14, aí pelas 9 horas da noite, apareceram dois lobos a António de Oliveira, Manuel da Silva e outros, no lugar do Agro desta freguesia.

Estes assustaram-se a tal ponto que um foi para cima duma latada e os outros fugiram. Nada mais houve, visto os lobos não repetirem a proeza.

Citânia

Começa a estância arqueológica da Citânia a ser visitada com muita frequência tanto por nacionais como por estrangeiros.

O movimento de ontem no alto da Citânia dava já a impressão duma romaria. — C.

Problemas Municipais

(Continuação da 4.ª página)

dia estar sujeito ao arbitrio dum individuo. A autoridade administrativa recorreu ao representante do governo no distrito e este determinou que o fornecimento fosse continuado. O governo, porém, entendia que era preciso que a Câmara e a firma fornecedora entrassem em acordo, visto que o preço por que Guimarães estava a pagar a energia eléctrica para iluminação não era exagerado.

Por isso, para garantir o fornecimento de energia em baixa às pequenas indústrias, a Câmara entrou em acordo com o fornecedor, comprometendo-se este a fazer o fornecimento nas condições anteriores, tanto para a iluminação pública como particular e para pequenas indústrias, sendo-lhe em compensação permitido cobrar 1\$40 por cada quilovate de energia fornecido para iluminação aos particulares. Esta situação manteve-se até ao presente.

Em 1930 tinha a Câmara garantido o fornecimento de energia em alta tensão a preço razoável para o caso de querer municipalizar os serviços. Quando, porém, em 1935 pretendia saber em que condições esse fornecimento lhe poderia ser feito, encontrou-se em presença duma situação nova. As empresas produtoras que lhe poderiam interessar haviam firmado contratos com Bernardino Jordão & Filhos, que as impedia de fazerem qualquer fornecimento à Câmara.

Todavia em 1936 a Câmara resolveu municipalizar os serviços, depois de várias tentativas de entendimento com o ex-concessionário. Este havia pretendido o preço de 1\$80 que depois baixara para 1\$60 e só por intervenção do sr. Governador Civil, capitão Lucínio Preza, se fixara em 1\$40. A municipalização, declarou várias vezes o sr. Jordão, em nada o prejudicava e estava pronto a entender-se lealmente com a Câmara, à qual ele daria todas as facilidades tanto no pagamento do material como no fornecimento de energia em alta.

Em princípios de 1937, procurado pelo presidente da Câmara e dois vereadores, confirmou estas disposições e prometeu fazer uma proposta sobre preços de energia em alta, dentro de um prazo de 15 dias. Como essa proposta não chegasse, apesar de várias vezes se pedir, concluiu a Câmara que não havia afinal desejo nenhum de colaborar, mas sim de adiar a resolução do problema.

Verax.

«Quando vos ouço afirmar o desejo de trabalhar sem descanso pela grandeza e actividade da Pátria; que desejais contribuir para o desenvolvimento económico de Portugal e para melhorar as condições de vida dos portugueses; que sois para tanto atentos à palavra do comando e que estais com os chefes como um irmão para outro irmão — visto que haveis mergulhado até às raízes profundas e compreendido na pura essência das coisas o que tende o nosso corporativismo.»

SALAZAR.

F Ô R Ç A O VALOR DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Certamente a política — e sobretudo a política internacional — não se faz com o sentimento. Mas será impossível contestar que há fôrças, não apenas morais, mas emotivas, no Mundo; que há uma consciência jurídica contra a qual não se pode impune e indefinidamente atentar — e que há, a despeito de tudo, uma lei da razão que governa, dentro de certos limites, tôdas as leis da fôrça. O contrário disso seria contestar a existência da própria civilização.

O que se está passando actualmente na Europa precisa de ser primeiro compreendido objectivamente. Tôda a geografia política criada pelos artifícios da Paz de 1919 se está desmoronando. Um a um, os Estados nascidos em Versalhes vão desaparecendo, como castelos de cartas. Objectivamente, não temos que julgar factos que, embora possam sentimentalmente interessar-nos, estão, quer sob o ponto de vista geográfico quer sob o ponto de vista histórico, longe de nós. Mas os acontecimentos prestam-se a uma filosofia política cujos perigos é mister pôr com clareza diante de certas correntes e inquietações da opinião pública.

Uma dessas conclusões visa a consideração que parece atingir a justiça e o direito de existência dos pequenos Estados perante Estados materialmente maiores e mais fortes. Essa consideração seria não apenas juridicamente iníqua, mas falsa perante as leis da História e o próprio equilíbrio, pode dizer-se fisiológico, da civilização humana.

Estados territorialmente mais pequenos viveram sempre, em todos os períodos da Europa (e nós somos disso um exemplo), ao lado de Estados geograficamente mais extensos, pela mesma razão por que homens muscularmente mais poderosos viveram e vivem ao lado de homens de vigor ou combatividade física menores. A lei da evolução social não se rege a esse respeito por leis diversas daquelas que regulam a vida das espécies. A natureza não é constituída apenas por elefantes e leões, por ciprestes e cedros gigantes. Quando se diz que a fôrça é uma lei da vida é preciso esclarecer o que se entende pela palavra fôrça. A fôrça não é apenas física: a fôrça superior é espiritual. A civilização é a vitória da fragilidade das ideas contra a inércia e a hostilidade da matéria.

O erro político da Paz de 1919 resultou da idea falsa de que criando-se,

por um arbítrio geográfico ou por um artificio demográfico, um Estado se criava simultaneamente uma nação. Os ditadores da Conferência de Versalhes julgaram que traçando no mapa fronteiras criavam núcleos nacionais. Erro. Uma nação é um bloco que a simples idea de raça não explica — porque o conceito exclusivo da raça nunca fundou nacionalidades. É preciso ignorar a História para afirmar o contrário.

Uma nação é um bloco cimentado por uma coesão ideal e colectiva, da qual a tradição histórica e a lei geográfica são os elementos essenciais. Sem essa tradição pode haver um Estado, sempre contingente, mas não há uma nação. Um Estado pode criar-se com um compasso, uma régua e um tratado — e desfazer-se com outro tratado ou com uma borracha. Uma nação que tem raízes na história é uma alma e um granito. Pode amordaçar-se — mas nem se apaga nem se destrói.

A Europa está a assistir ao desmoronar de Estados, nascidos alguns na lotaria de Versalhes — outros da efémera, embora legítima, ilusão de falsos super-homens. Estados fracos? Não. Nações inexistentes. Não nos cumpre subscrever as leis de violência, mas é nosso dever definir posições. Há talvez Estados fracos e Estados fortes. Mas não há nações fracas nem nações fortes. Uma nação que é verdadeiramente uma nação — quer dizer que representa não uma contingência política ou regional, mas uma permanência moral e histórica e uma realidade geográfica — é sempre forte.

Não generalizemos — porque não convém generalizar. Os povos, como os homens, que confiam no Direito têm de proclamar a existência desse Direito. Quando se trata de considerar a fôrça é, porém, necessário distinguir. A História é também uma fôrça e uma fôrça imensa. Um Estado, quando não é uma nação, é defendido apenas por fronteiras — e fronteiras desabam como muros podem desabar quando a tempestade passa. Mas uma nação é defendida por muralhas — feitas pelo Tempo e para resistir ao Tempo.

E', por certo estranho e lamentável o que se está passando na Europa — mas quando se tem, como nós, oito séculos de existência, se há princípios internacionais que se não podem negar sem nos negarmos a nós próprios, pode olhar-se o Mundo com uma certa filosofia. E esse privilégio é igualmente uma fôrça.

(De A Noite).

Política exterior portuguesa

(Continuação da 5.ª página)

pontos de vista as cláusulas do tratado luso-espanhol, logo se verifica em que preparação aquêlê instrumento contribue para reforçar a nossa posição na politica europeia.

Dentro do sistema anglo-luso que constitue uma fôrça arbitral ao serviço da paz, fica notável-

mente valorizado o elemento de fôrça que nós representamos.

A aliança anglo-lusa continuará a desempenhar, hoje como ontem, a mesma função de garantia do equilibrio da Europa e de manutenção da paz.

Estamos numa hora de graves apreensões internacionais e, por isso, assume todo o valor a contribuição para a paz que se contém no tratado entre Portugal e Espanha.

L.

Se há palavras que definem rapidamente o valor da educação física, se há palavras que possam definir tôda a filosofia da idea, nenhuma mais eloqüentes, nem de mais claro conceito se podem escrever que as que o grande chefe da Revolução Nacional — Salazar — dirigiu à Nação em 1933.

— Homens fortes, homens sadios, sem dúvida, por patriotismo, por valorização económica, por defesa orçamental, até por simples humanidade, mas saudáveis, com juízo claro, carácter forte e consciência recta.

A fôrça, a agilidade, o desenvolvimento físico, atravez de todos os tempos foram sempre a aspiração primordial da juventude, mesmo na Idade Média, o corpo mereceu sempre grandes cuidados.

No século XIX é que começa verdadeiramente o desenvolvimento gymnástico, com moldes próprios e seguindo regras estabelecidas; começa o incremento. Mas nesta fase, em geral, o tipo de atleta procurado era aquêlê que pudesse mostrar maiores massas musculares, ou então se lançasse em perigosos saltos mortais; está-se agora modificando grandemente e encontra-se na realidade um ensinamento mais racional e pedagógico de métodos de gymnastica educativa, como base de cultura física geral, baseado mais ou menos sobre o do Ling.

Não somente os rapazes, mas mesmo as raparigas podem e devem desenvolver-se, observando os preceitos duma boa gymnastica sem grandes excessos, que por vezes levam à desproporcionalidade física. Uma prova

dos efeitos perniciosos dos excessos temo-la no filme *Olimpiadas*.

Nas provas femininas tivemos ocasião de observar curiosos contrastes entre as especialistas de atletismo e as de outras provas.

Assim os saltos em altura, exceptuando uma jovem inglesa, apresentaram-nos tipos másculos, em que a graça feminina desaparece sob uma forma masculinizada. Nas restantes provas como barreiras, disco, etc., também o tipo dominante era o másculo caracterizado por músculos salientes e expressões duras.

Por outro lado nas mulheres que se dedicam à gymnastica, quer de fantasia, quer de aplicação, aos saltos para a água e à natação, notamos feminilidade, corpos femininos com a linha que lhes é própria.

Portanto rapazes da minha terra, procurai mostrar-vos à altura das aspirações do nosso chefe, esforçai-vos por criar um grupo de gymnastas que demonstrem o vosso esforço e interesse pelos exercícios físicos e depois... confiai em Salazar que êle não vos esquece, e o nosso e o vosso sonho será um dia realidade, um gymnásio com todos os requisitos modernos, uma piscina e um campo de jogos.

Entretanto:

Trabalhe-mos, aguardemos e confie-mos.

A. C.

A Fátima

Organizada pelo chefe da estação ferroviária desta cidade tem lugar nos dias 12 e 13 de Junho próximo uma grandiosa peregrinação à Cova da Iria em *combóio especial*, nova modalidade a que o público está dando a sua natural preferência.

Esta imponente manifestação de Fé acaba de obter a aprovação oficial de Sua Ex.^a Rev.^m o Sr. Arcebispo Primaz e é particularmente recomendada aos rev.^{os} Párocos e católicos por Sua Ex.^a Rev.^m e pelo estimado e rev. Arcebispo desta cidade, mgr. João António Ribeiro.

O combóio especial transporta passageiros desde Fafe até à Trofa, seguindo daqui directo, a Leiria.

Haverá paragens em Aveiro, Coimbra e Batalha.

Todas as cerimónias habituais em Fátima serão efectuadas pelos peregrinos e seus párocos.

As mesmas realizar-se-ão sob a proficiente direcção do rev.^{mo} sr. P.^e Domingos Gonçalves, que representa o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Arcebispo Primaz.

Como o combóio especial tem lotação limitada a fim de todos terem assegurado o seu lugar, recomenda-se às pessoas que desejem tomar parte nesta grandiosa homenagem à Virgem de Fátima para se inscrever imediatamente, podendo fazê-lo no rev. sr. Arcebispo, servo da Igreja de Santos Passos e estação do caminho de ferro.

O transporte de Leiria a Fátima em cómodas camionetas, encontra-se absolutamente assegurado.

Já se encontram inscritas bastantes

Banda da Guarda Nacional Republicana

Está aberta a assinatura para dois concertos a realizar por esta Banda, na Praça de Touros «João de Melo», nos primeiros dias de Junho próximo.

Preços: — Camarotes (6 entradas) assinatura 100\$00, avulso 60\$00; superior (lugar de Sombra) ass. 16\$00, av. 10\$00; geral (lugar de Sol) ass. 10\$00, av. 7\$00.

Nota — Se até o dia 15 de Maio próximo as assinaturas não cobrirem as elevadas despesas a fazer com a deslocação da Banda, ficam os concertos sem efeito.

Em virtude da festividade a Nossa Senhora da Madre de Deus, não se realiza no próximo domingo o habitual concerto no Jardim Público, pela Banda dos B. V. desta cidade.

Êste número foi visado pela Censura

pessoas que preferem esta viagem, em combóio, por ser mais cômoda, menos acidentada e relativamente económica.

Oportunamente se informará do programa definitivo sobre horário de combóios, paragens, actos e comemorações religiosas, etc.

No campo do Arnado

Sporting da Covilhã, 2
Vitória de Guimarães, 0

O Campo do Arnado foi ontem novamente teatro de mais uma partida decisiva para o título de campeão da II Divisão.

Visitaram-nos o Vitória Sport Club, de Guimarães, campeão do Minho, e o Sporting Club da Covilhã, campeão da Beira Baixa.

Os dois grupos alinharam:

Sporting — Almeida; José Rodrigues e José Martins; Artur, Santos e Cesário; Deolindo, Rogério, Cruz, Manuel (Reynolds) e Fonseca.

Vitória — Pereira (Ricoça); Rocha e Rodrigues; Oliveira, Zeferino e Moreira; Pantaleão, Clemente, Freitas e Pádua.

Arbitro o sr. José Travassos, do Colégio da A. F. de Lisboa.

* * *

Nas jogadas iniciais, deste encontro, os dois *teams*, por se desconhecerem, jogam cautelosamente, mas os covilhenses, como de resto pelo decorrer da partida, jogam com mais vivacidade, denotam maior empenho na luta.

Inexplicavelmente o campeão do Minho joga mais preocupadamente sobre a defesa o que lhe vale ser dominado territorialmente em todo o primeiro tempo.

Depois duma visita dos vimaranenses à balisa contrária, são os covilhenses que descem, e obtêm mesmo um ponto, que o árbitro, muito justamente, anula por fora de jôgo. Havia cinco minutos de jôgo.

Registamos depois nova defesa de Ricoça, apertado.

Zeferino na marcação dum livre proporciona uma grande defesa do guarda-rêdes da Covilhã, e na resposta são os campeões da Beira que descem até Ricoça, que não segura uma bola mandada com força, tendo um seu defesa de intervir e aliviar.

O guarda-rêdes da Covilhã tem aos quarenta minutos uma excelente saída a cortar um centro.

Canto contra o Vitória, por mergulho de Ricoça a um potente chute, até que dois minutos depois do tempo, marcado pelo nosso relógio, os covilhenses conseguem o primeiro tento por Reynolds.

Na segunda parte os vimaranenses denotam mais apêgo à luta e conseguem equilibrar a partida.

Mas são ainda os campeões da Beira que marcam de novo.

O extremo direito da Covilhã centrou e o companheiro da esquerda, postado sobre o poste do seu lado, meteu a cabeça à bola e mandou-a a caminho da balisa, a despeito da oportuna saída de Ricoça, para anular a acção do *score*.

Os vimaranenses, com a desvantagem de 0-2, empregam-se com maior ardor, mas a sua linha avançada não corresponde.

O guarda-rêdes da Covilhã foi, neste tempo, mais vezes chamado a intervir que o seu colega do lado contrário, e numa delas salvou milagrosamente para canto, um pontapé do extremo direito contrário.

O Sporting obteve ainda mais um ponto, a meia hora deste tempo, anulado pelo árbitro.

E com a bola no campo dos sportinguistas, depois da marcação de dois cantos contra si, terminou a partida.

O encontro nunca atingiu craveira

Portugueses de hoje, que sois os de amanhã! A voz criadora de bronze, do Senhor Presidente do Conselho, anunciando ao País as comemorações centenárias de 1940, chama-nos ao trabalho, ao sonho, à vida!...

De Norte a Sul, na aldeia, na vila ou na cidade, na planície, no vale ou na montanha, todos nós, portugueses, ao ouvi-la, nos sentimos engrandecidos na sua ressonância que suspendeu, no encantamento brusco, a enchada do cavador, a vagoneta do mineiro, o pincel ou o lápis do artista, o cinzel do escultor, a pena do jornalista — que logo recommearam a sua faina com mais ardor, mais pressa, e mais certeza!

ANTÓNIO FERRO.

técnica apreciável. Foi até um pouco monótono.

Como dissemos, o campeão da Beira, já pelo domínio que exerceu no primeiro tempo, já pelo maior apêgo à luta que sempre demonstrou, teve jus ao triunfo.

O Vitória actuou excessivamente cauteloso e o *team* esteve longe da exibição que há tempos fez com o campeão conimbricense. Mas não há dúvida que mereceu o ponto de honra.

Não teve a sorte do jôgo por seu lado. Talvez por não ter feito por isso.

Dos vencedores, agradou-nos o trabalho do guarda-rêdes, do defesa direito, do médio-centro e de Reynolds, que esteve bastante esforçado.

Nos vencidos, os dois defesas com trabalho dobrado no primeiro tempo, Zeferino, com boa exibição naquele período, e os dois extremos, sobressaíram.

A arbitragem satisfaz os dois partidos. De resto não teve dificuldades.

Santuário da Penha

A mesa da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha reuniu e resolveu que se desse o maior incremento possível às obras de reconstrução do Santuário Eucarístico, que tivessem o seu início segunda-feira passada.

Pela empresa Jacinto Guimarães de Lisboa foi oferecido um filme para ser exibido no dia 10 de Maio no Teatro Martins Sarmiento, que para esse fim é cedido pelos proprietários gratuitamente, sendo a receita para as obras do Santuário.

D. Gonçalo de Sousa

De *O Jornal de Felgueiras* arquivamos:

«Estão constituídas em Guimarães as comissões que hão-de elaborar o programa da comemoração dos centenários da fundação e independência de Portugal.

O sr. dr. Júlio Dantas, presidente da comissão central, veio dar posse às comissões, na semana passada.

Já aqui dissemos e novamente renovamos o alvitre, que, das comemorações, deve fazer parte uma romagem ao túmulo de D. Gonçalo de Sousa, grande e poderoso fidalgo em terra de Sousa, e companheiro de armas de D. Afonso Henriques.

D. Gonçalo de Sousa comandava a retaguarda na batalha de Ourique e acha-se sepultado no mosteiro de Pombeiro, que é monumento nacional.

D. Gonçalo de Sousa possuía muitas herdades no concelho de Felgueiras, tendo paços nas actuais freguesias de Unhão, Sousa e Lagares e era padroeiro do mosteiro de Pombeiro, solar dos Sousas, ao qual legou muitos haveres por sua morte. É provável que tivesse nascido dentro do concelho de Felgueiras.

Pelos seus feitos, é digno de ser lembrado nas comemorações da fundação da nacionalidade portuguesa. — M. S.»

lêde e propagal

“Ressurgimento”

A' MARGEM

A VITÓRIA É NOSSA — na hora nossa. Saberemos esperar. Está por nós um dos mais poderosos aliados: o tempo. «Querer é a nossa divisa», a divisa da nossa vontade. Essa a nossa força, a nossa idade um aliado firme. Como possível vencer esta força?

A nossa força, o nosso querer. E saberemos mantê-la. Uma hora, um minuto ou um segundo; um mês, um ano, dez...

E que importa, se o futuro é nosso e a vitória certa?

⊖

EM VERDADE é na gente moça que se firma o Ideal de Vida, como disse Salazar. Ideal de que se julgam possuidores os velhos — velhos e novos — do Restêlo! Não vão? Não querem?

Rumo incerto? — que importa, se ele nos levou às Índias e aos Brasis! Rumo incerto que é espírito, aventura, sonho que é realidade, incerteza que é vitória.

⊖

— «ASSIM SE FÊZ Alcácer-Quibir». Que importa? Ainda aí fir namos quem somos e o que valemos — morrer, mas devagar — heróis ainda.

Rumo incerto? Não. Rumo certo.

Não guardes para amanhã...

Enraizou-se de tal maneira na gente portuguesa — que uma política miserável tornou descrente de si mesma e a acobardou no comodismo — o adiar indefinido de qualquer esforço da inteligência ou acção da vontade que, como bem diz a voz do povo, «só nos lembramos de Santa Bárbara quando tropeja». E infelizmente, é bem certo. Seja êste cantinho o rebate da consciência que obrigue a agir.

* * *

Começaram, esplêndidos e luminosos, êstes primeiros dias depois das férias. Tam radiosos e tam lindos que até nos esquecemos da chuva. Mas... quando vêm as chuvas, começam os chuviscos da cidade — os caleiros rotos — a despejarem sobre quem passa verdadeiros cântaros de água. Nessa altura já não há remédio — «quando vier o bom tempo mandaremos chamar o trolha». Não seria muito melhor irem-se prevenindo, nestes dias de sol, esplêndido e luminoso?

* * *

Em defesa dos vinhos-verdes decretou o Governo várias medidas. Uma delas foi a de obrigar, dentro de um prazo largo, a enxertar as vides de vinho americano em castas de verde. Passado êsse prazo seriam aplicadas multas. Nem assim se fez caso das medidas tomadas na defesa da região. E, quando terminado o prazo, foi um côro de lamentações e aflições. O governo, condescendente, prorroga o prazo. Terminou agora e vão começar os fiscais acompanhados pela G. N. R. a inutilizar as videiras que não foram enxertadas a tempo.

* * *

E cair os prédios? E lavar os granitos caídos? Mas... continuaremos.